

# TUDO CONTINUA IGUAL E NUNCA ESTEVE TÃO DIFERENTE EM PORTO ALEGRE

FELIPE NELSI (PITI)

Podíamos abrir este artigo como o conto de Duas Cidades: foi uma eleição diferente de tudo que tínhamos visto. Foi uma eleição igual a tudo que tínhamos visto. E não seria errado.

Por um lado, tivemos uma eleição única. Com prazos reduzidos, sem debates na televisão, com restrição de contato físico, com recortes de abstenções. Por outro, tivemos uma repetição de uma dinâmica política já conhecida da cidade de Porto Alegre e do Estado do Rio Grande do Sul: a falsa e superficial divisão dos partidos do continuísmo em candidaturas que fingem oposição, para em momento seguinte se reunificarem contra seu único e verdadeiro inimigo, a esquerda.

Retirar o que há de novo e de repetição nesta eleição é o objetivo desta breve análise.

## OS PRECEDENTES E A CONSTRUÇÃO DA UNIDADE

Porto Alegre já foi um território mítico da esquerda. Desde 1988, quando vencemos com Olívio Dutra, imple-

PITI NELSI fez parte da coordenação da campanha Manuela D'Ávila e Miguel Rosseto para a prefeitura de Porto Alegre, na área de comunicação. Trabalhou também nessa área na campanha do PT de 2018 para o governo do estado.

mentamos imediatamente um programa radical de mudanças. Uma intervenção sem precedentes nas empresas de transporte, retirando o controle de seus proprietários e colocando-as sob gestão pública para reorganizar, baratear e renovar a frota; uma selvagem inversão de prioridades colocando a periferia no centro dos gastos públicos, numa escala nunca feita em POA e, finalmente, e mais estrutural, a total subordinação do orçamento público à soberania popular através do Orçamento Participativo. Quem hoje vê o OP como uma política pública de boas práticas, recomendada pela ONU e adotada em Cidades como Nova York, Paris e Barcelona, não imagina o potencial de conflitividade e ruptura que ele tinha na época. O governo da Frente Popular era um governo altamente combatido, cercado pela imprensa e pelo poder econômico, mas com uma vitalidade social enorme, e por isto vingou. Nada mais distante que modelos tecnocráticos “eficientes” como o de Curitiba. Porto Alegre sempre foi uma experiência social à quente e, por isto mesmo, foi escolhida como símbolo internacional da esquerda ao sediar por vezes sucessivas o Fórum Social Mundial.

Mas este período já dista 18 anos da memória do eleitorado e o imaginário social sobre a esquerda migrou, para o bem e para o mal, da referência singular da Frente Popular na Prefeitura e no Governo do Estado, para os governos federais de Lula e Dilma. São experiências distintas, com desafios distintos e políticas de alianças distintas. O fato é que nestes 16 anos nunca mais a esquerda retomou uma posição hegemônica na cidade. Foram quatro eleições em que nas duas primeiras fomos para o segundo turno e perdemos e as últimas duas em que sequer passamos ao segundo turno.

Com este cenário, chegamos a 2020. O PT como maior partido, 18% de preferência do eleitorado, três vezes mais que o segundo colocado, dono da maior bancada municipal, estadual e federal, dono do maior tempo de TV, mas com a experiência das derrotas que carregava nas eleições pas-

sadas. O PCdoB, sem nenhum vereador, nenhum deputado estadual, nenhum deputado federal e com uma pequena estrutura na cidade, mas com uma liderança, Manuela D'Ávila, que carregava boas votações em Porto Alegre e liderava as pesquisas. O PSOL é um caso aparte. Com uma maioria muito diferente na cidade do que a que dirigia o partido no resto do País, adotava uma política altamente sectária. Luciana Genro, sua candidata no pleito anterior, negava que tivesse havido um golpe, elogiava a Lava Jato e fez uma campanha com o bordão “a candidata de mãos limpas”. Não à toa, saiu da liderança das pesquisas na maior parte da eleição para um humilhante quinto lugar, atrás até mesmo do insignificante candidato do PTB. O PDT tem uma trajetória própria no estado, nunca formando frentes eleitorais de esquerda no primeiro turno; trajetória agravada pela adesão de Ciro Gomes ao partido. Uma aliança de primeiro turno não estava no horizonte. Por fim, o PSB está longe do que se possa chamar de partido de centro-esquerda no estado, colonizado por pastores e parlamentares de direita. Apenas nominalmente poderia ser considerado numa hipótese de aliança eleitoral.

Este foi o cenário que pariu o quadro eleitoral. Fernanda Melchionna, candidata pelo PSOL. Juliana Brizola, candidata pelo PDT em aliança com o PSB. E o PT, pela primeira vez em sua história, deixou de indicar a cabeça de chapa em nome de Manuela e indicou para vice, seu próprio candidato a governador, Miguel Rossetto. O peso desta chapa definiu o quadro pela esquerda.

Na direita, o quadro de fragmentação era total. O prefeito Nelson Marchezan havia rompido com toda a sua base de apoio e respondia por processo de impeachment, promovido pelo seu próprio vice, Gustavo Paim, do PP, agora ele mesmo candidato. O MDB reeditou a candidatura de Sebastião Melo que havia disputado o segundo turno com Marchezan. O ex-prefeito Fortunati voltou de Portugal, para, com surpresa de muitos, ser candidato contra Melo seu vice, na gestão

anterior. Havia ainda outras candidaturas pela direita como a do vereador Valter Nalgestein. A direita ficaria cindida nas candidaturas de Fortunati, Melo e Marchezan até quase o fim do primeiro turno.

## A PRÉ-CAMPANHA CADA VEZ MAIS IMPORTANTE

Foi na pré-campanha que a unidade da base petista com a chapa Manuela-Rossetto se soldou e empolgou a base social. Mais de 7 mil pessoas participaram das reuniões virtuais que construíram o programa, distribuídas em regiões e setores de toda cidade. A convenção de lançamento, em um formato inovador, passou por várias regiões, casas, setores, ao vivo, criando uma dinâmica de enorme engajamento mesmo que de forma virtual. Nesta pré-campanha, Manuela e Rossetto dividiam o protagonismo, o que aumentou muito o engajamento da base petista. Esta dinâmica social entregou ao início da campanha uma liderança evidente de Manuela com 24%, contra 14%, 11% e 9% de seus principais concorrentes.

## PRIMEIRO TURNO. GUERRA E MÁFIA ITALIANA, A DIREITA MOSTRA SUA CARA

O primeiro turno eleitoral foi caracterizado, como em todo o país, pela fragmentação de um número recorde de candidatos (13), a ausência de debate em TV e pela baixa mobilização de rua, fruto da pandemia. A campanha, propriamente, se desenvolvia em duas frentes, pela esquerda com a liderança cada vez mais evidente de Manuela, e pela direita com uma luta selvagem entre os candidatos conservadores. Nesta luta houve de tudo. Tentativa desesperada dos partidos dos outros quatro candidatos em aprovarem a toque de caixa um impeachment de Marchezan, que o deixaria inelegível, e por parte

deste com ataques inclementes aos adversários (ex-aliados) a quem chamava de corruptos e clientelistas dando nomes, fatos e datas. Esta dinâmica se estendeu até a última semana, quando Manuela chegava perto dos 40% e enfrentaria Marchezan, com alta rejeição, no segundo turno. Enfrentaria... pois se há algo que a direita porto-alegrense não conhece é limites. Numa jogada de última hora, a chapa de Fortunati foi impugnada por problemas de filiação do seu candidato a vice. Quem propôs a ação foi um vereador da coligação de Melo. No mesmo dia da impugnação, o partido de Fortunati, anunciou apoio a Melo (que tinha sido seu algoz) e no dia seguinte o próprio Fortunati seguiu o mesmo caminho. Marchezan descreveu assim o caso em entrevista depois do primeiro turno: “Matou, foi ao velório e saiu para comemorar com a família. Coisa de máfia italiana”. Para dar um toque de Macondo à ironia, o partido de Marchezan, o PSDB, anunciou apoio a Sebastião “máfia italiana” Melo no segundo turno.

A operação deu resultado além do previsto. Em dois dias, a migração dos votos de Fortunati foi integral para Melo, suficiente não só para retirar Marchezan do segundo turno como para entrar em primeiro com 30% dos votos válidos.

Resta ainda explicar sobre os resultados do primeiro turno em relação às pesquisas. São três os vetores: a) a incapacidade cada vez mais frequente dos institutos captarem a realidade eleitoral em todo o País; b) o efeito arrastão produzido pela cassação de Fortunati, que não só transferiu os votos deste como criou um voto útil dos demais candidatos da direita com medo de um segundo turno entre Marchezan e Manu que levaria a esquerda à vitória; e, c) a abstenção colossal de 33% do eleitorado que introduziu um viés na eleição. Com efeito, nossas pesquisas de segundo turno perguntaram se o eleitor tinha votado, o que permitiu mapear a preferência do não votante, e ele era majoritariamente nosso.

Finalmente cabe registro quanto ao primeiro turno, o feroz ataque machista que Manuela recebeu nos debates do

nanico Maroni. Baixo, vil, violento e que não teve, a não ser de Fernanda, qualquer solidariedade dos demais debatedores.

## UM SEGUNDO TURNO VELOZ, CONFLITIVO E SILENCIOSO

O impacto da inversão de expectativas não foi pequeno. Saímos de uma previsão de vitória por mais de 15 pontos de diferença nas pesquisas para uma derrota, por 1 ponto, mas ainda uma derrota. A articulação dos apoios da esquerda tinha que ser rápida, e foi. Na segunda-feira posterior à eleição, o PSOL anunciou o apoio. Não o apoio envergonhado como das últimas vezes, mas com nova maioria eleita, um apoio entusiasmado e militante. Na terça-feira, depois de um tenso cabo de guerra interno (a própria Juliana Brizola tinha sido candidata a vice de Melo), o PDT anunciou seu apoio. A isto se somou PV, Rede, figuras públicas de outros partidos como Roberto Requião, do próprio partido de Melo. Estávamos de novo no jogo.

Um dia antes do início do programa eleitoral houve um fato que sacudiu a cidade e colocou o debate do racismo no centro da campanha eleitoral: o assassinato de Beto por seguranças do Carrefour, um dos quais filiado ao MDB de Melo. Este fato, junto com declarações racistas de apoiadores de Melo, incendiou a campanha no início do segundo turno. Os programas saíram da mornice do primeiro turno e tornaram-se debates abertos. Mulheres, que Melo não fazia nenhuma referência em seu programa, negros, em que a coligação de Melo teceu vários comentários racistas, privatizações, defendida por Melo no caso da empresa pública de transporte e da companhia de água do município e pandemia, que Melo anunciava a abertura total e indiscriminada de todas as atividades da cidade, foram os temas centrais. Neste clima, aumentou a força militante da campanha e crescemos pesquisa após pesquisa até que, finalmente, o último Ibope registrou a

ultrapassagem de Manuela sobre Melo. O último debate recebeu de um colunista da RBS a descrição de massacre, tal a superioridade da nossa candidata. Finalmente as ruas do dia da eleição pareciam dar uma vitória clara e redentora da esquerda no seu regresso a Porto Alegre.

Aberta as urnas, a decepção. Novamente as pesquisas nos enganaram. Novamente o campo conservador se reuniu e venceu. Novamente erámos fortes o suficiente para desmentir nossa morte, mas não o suficiente para ultrapassar a fatal barreira dos 50%.

## CONCLUSÕES

a) Uma estabilidade incômoda. Apesar de toda energia militante e da carga de esperança que vivemos nesta eleição, tivemos resultados muito semelhantes a 2018. Rossetto venceu em 4 das 10 zonais de Porto Alegre, Manuela também. Rossetto fez 170 mil votos no primeiro turno, Manuela 187 mil. No segundo turno, Haddad fez 331 mil votos em POA, Manu fez 307 mil, embora isto representasse 45% dos votos contra 43% obtido por Haddad dois anos antes. A questão, repetida país a fora, é que a esquerda consegue dividir o eleitorado quase ao meio, mas tem enorme dificuldade de se tornar majoritária. Foi assim aqui, em Caxias do Sul, em São Paulo, em Recife, em Vitória etc.

b) Não há atalhos. Quando avaliamos derrotas, temos o risco de sermos condescendentes, seja conosco seja com o povo. A forma mais recorrente disto é a referência às redes sociais, seus algoritmos e às *fake news*. Não que estes elementos não sejam perigos reais ao processo político, mas seu uso explicativo pode encobrir realidades mais complexas e profundas que gostaríamos de reconhecer. Assim, quando nos deparamos com opções decepcionantes do eleitorado, como a eleição de Bolsonaro, é tentador dizer que o povo foi engana-

do por manipulações ao invés de conceber que ele tenha feito uma escolha voluntária, ainda que temporária, por este caminho. Não foi diferente em Porto Alegre. As nossas redes sociais eram imensamente superiores às do adversário, a ponto de a primeira rede ser a da candidata (disparada) e a segunda ser a do candidato a vice, Miguel Rossetto, para só depois aparecer a rede de Melo e seu vice. Isto em todas as redes auditáveis, fora o inescrutável whatsapp. Quanto às *fake news*, há, na minha opinião, um alargamento da sua definição assim como um aumento indevido do seu efeito. Por definição, *fake news* deveriam ser falsas notícias, fatos críveis que levam o eleitorado ao erro, o enganando e manipulando seu posicionamento. Coisa diferente é o ataque político agressivo, baixo, ofensivo. Este pode ser reprovável e até ilegal, mas não pretende enganar ninguém. Está reforçando preconceitos, conceitos e opiniões que já estavam na mente da população. Ora, se há um *card* chamando Manuela de comunista, ela é de fato comunista. Se outro diz que é a favor do aborto, ela é efetivamente a favor do aborto. Se dizem que somos do PT e que quebramos o país, efetivamente somos do PT e a responsabilidade do País estar quebrado é uma disputa política, não uma falsa informação e assim por diante. Não que a direita não use e abuse destas táticas desqualificadas, mas que isto tem um papel limitado na formação geral de opinião. O fato é que a sociedade porto-alegrense é mais conservadora do que gostaríamos de admitir e parte do eleitorado não se sente confortável em votar em uma mulher, feminista, antirracista, de esquerda como é Manuela. A resposta na primeira hipótese é fiscalização e judicialização; na segunda, luta política permanente para mudar opiniões e mentes, daí a importância do diagnóstico.

c) A necessária luta política permanente. Se tivemos inúmeras virtudes na campanha, uma deficiência ficou evidente desde o início: a ausência dos nossos partidos da luta política permanente da cidade. Isto se manifestava em um

partido desenraizado na periferia, em uma bancada de vereadores acomodada e pouco combativa, na ausência de um diagnóstico claro dos problemas da cidade e da administração. A imensa renovação da bancada de 75% nos dá esperanças, bem como seu perfil: uma jovem negra, um policial antifascista, uma liderança do movimento sindical dos municípios e uma liderança do movimento comunitário. Mas a participação cotidiana nas lutas da cidade, e só ela, garante nossa inserção na disputa política permanente. Não desaprendamos a lição.

d) Renovar nossas lideranças é a tarefa mais importante de agora. A brilhante resposta que as candidaturas jovens, mulheres, negras, LGBTQI+ deram nas urnas é uma mostra do caminho que precisamos abraçar com entusiasmo. Mais do que trabalhar com prioridade nestes movimentos, valorizar suas lideranças como as figuras públicas do nosso movimento político não só é importante como vital para nosso futuro enquanto força política relevante.

e) A mais ampla unidade popular de uma esquerda plural. Saímos desta eleição mais diversificados do que entramos. Quem carregou a bandeira da mudança foi às vezes o PT, às vezes o PCdoB, às vezes o PSOL. Mas isto não é uma má notícia. O novo e forte sentimento de unidade das esquerdas veio para ficar. Haverá dificuldades, não há dúvidas, mas não há um militante de base que não olhe seu companheiro de outro partido da esquerda e saiba que ali está um aliado contra o fascismo e a direita e não um adversário. É uma sensação nova, rejuvenescedora e imensamente promissora. É esta a nova forma da esquerda brasileira. É assim que chegaremos a novas vitórias.

f) Ousadia. Este é o nome do jogo. Ressaltei antes, que a esquerda está longe de ser varrida para baixo do tapete, mas

que tem enormes dificuldades de voltar a ser majoritária. Isto é o fim de jogo para nós? Ou colocando de outra forma, é possível fazer política de forma decisiva e não marginal, mesmo não sendo majoritário? Sem executivos? Sem vitórias nas eleições majoritárias? A minha resposta é enfaticamente sim! O período mais luminoso do PT se deu na oposição. Na bancada federal de Conceição Tavares, Wagner, Genoíno, Rossetto, Deda, Vladimir Palmeira e tantos outros. De uma CUT combativa e formuladora através do Diap e Dieese, dos movimentos no campo, do novo urbanismo. Nada disto necessitou de executivos para vir à vida. É hora de pensar a luta política para além de governos. Foi esta radicalidade que nos levou a Olívio Dutra e Erundina, nossos primeiros prefeitos eleitos e governantes com a fúria da rebeldia. E por sermos fiel a esta bendita rebeldia, avançamos. É hora de voltar a esta fonte.